

DISCURSOS, SUJEITOS E EMOÇÕES

Antonio Genário Pinheiro dos Santos
Carlos Piovezani

Em *Microfísica do poder*¹, Michel Foucault ([1979] 2009) sustenta que o papel da história consiste na tarefa de fazer aparecer todas as discontinuidades e relações que nos atravessam e que nos permitem entrar em ordens ao mesmo tempo arriscadas e promissoras. Nelas, os riscos dizem respeito às excessivas limitações de sermos só o que já somos, de sentirmos só o que já sentimos, de acreditarmos só nas verdades nas quais já acreditamos. Mas, nos próprios riscos habitam os potenciais de resistência. Foram contingências históricas, dinâmicas institucionais e relações de poder que nos conduziram a nossos pensamentos, ações e sentimentos.

Nossos atos de resistência não se concretizam naturalmente apenas pelo fato de haver potência de subjetivação nas moradas do poder da objetivação. Uma sua condição necessária, ainda que não suficiente, é o próprio reconhecimento de que não estamos diante de leis e forças absolutas e de que, por essa mesma razão, podemos pensar, fazer e sentir outras coisas e/ou pensá-las, fazê-las e senti-las de outros modos. Ao postular que o saber histórico não esconde e não teme seu caráter perspectivo, Foucault assegura que “a história tem mais a fazer do que narrar o nascimento necessário da verdade e do valor; ela tem que ser o conhecimento diferencial das energias e desfalecimentos, das alturas e desmoronamentos, dos venenos e contravenenos”. ([1979] 2009, p. 30).

O que vale para nossos pensamentos, ações e afetos vale também para nossos discursos. Isso com mais forte razão, na medida em que a discursividade é constitutiva e constituinte do que pensamos, fazemos e sentimos. Com efeito, o sentido histórico das coisas ditas é força produtora e produzida no seio de tramas e relações sociais. Por essa sua condição, o discurso ocupa lugar central na forma como construímos a realidade e agimos no mundo. Na produção discursiva, há forças e funções, formas e funcionamentos que constituem sujeitos e sentidos, razões e sensibilidades. Cada uma e cada um de nós, nossas

¹ FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

APRESENTAÇÃO

relações sociais e o próprio mundo são constituídos e partilhados desigualmente, segundo múltiplas formas de ser, de saber e de poder.

Por essa razão, torna-se fundamental às diversas análises de discursos considerar as partilhas materiais e as contingências históricas nas quais nos inscrevemos e somos enredados e às quais podemos modificar. Os muitos e sempre renovados conflitos e consensos que ocorrem no cotidiano de nossas vidas não são ocultos, mas nem por isso nos são integralmente visíveis. É também Foucault ([1969] 1997, p. 126-128) um dos que indicam este caminho: para melhor compreendermos suas presenças e atuações em nossas vidas, é preciso uma conversão crítica de nossos olhares e de nossas escutas. Se a indicação é pertinente e produtiva para o exame e a crítica da formação de nossas ideias e valores, não cremos que essas pertinência e produtividade não possam se estender à análise e à desconstrução de nossas percepções sensoriais e de nossas paixões. É nesse sentido que apostamos na condição promissora de articulações diversas e em graus variados da Análise do discurso com outros campos de saber, tais como a História das sensibilidade e a História das ideias linguística.

Neste quadro, a Revista Saridh vem oferecer com esta edição (v.7, n.1 – 2025) uma amostra dessa aposta, sob a forma de reflexões abrangentes e análises rigorosas, que ressaltam relações indissociáveis entre os discursos, as sensações e os sentimentos.

Já no texto de editorial, Carlos Piovezani discute a importância das emoções na investigação das discursividades. Com esse olhar, o autor destaca a necessidade de serem alinhadas e efetivamente consideradas as paixões, sensações e sentimentos no escopo de objetos e abordagens capazes de considerar a função das sensibilidade na constituição dos discursos. Com essa discussão, Piovezani propõe a possibilidade de uma interpretação original do postulado foucaultiano segundo o qual a condição de acontecimento dos enunciados não se restringe às formas e regras da língua nem aos sentidos de que delas derivariam. No bojo das condições históricas de existência do discurso, habitam as partilhas materiais da sensibilidade, presentes nas produções, dinâmicas e movências de enunciados que se materializam histórica e socialmente. Enunciados que fazem movimentar palavras, poderes e paixões, estabelecendo relações de força as mais diversas, em condições em que saberes e poderes se encontram e se chocam incessantemente.

APRESENTAÇÃO

Nessa linha de discussão, em *História, sentidos e sensibilidades* – uma entrevista que Carlos Piovezani conduz com Jean-Jacques Courtine, professor emérito da *University of California* e da *Université de la Sorbonne Nouvelle*, catedrático de *European Studies da University of Auckland* e professor visitante *Queen Mary University* de Londres – encontramos um pensamento articulado à reflexão histórica e social ampla e argúcia de análise. Nas respostas apresentadas por Courtine vislumbramos a marca de uma produção intelectual consistente e exponencialmente valiosa que vem contribuir para o incremento de nossa compreensão sobre nossa própria condição de sujeitos sociais da contemporaneidade. Com originalidade e profundidade, Jean-Jacques Courtine destaca que, na condição de sujeitos social e historicamente constituídos e situados, somos praticamente a todo tempo confrontados e enredados em fortes demandas emocionais, sob a forma de medos, depressões, ansiedade e emoções afins. E essa realidade se apresenta diante das agonias impostas pelo neoliberalismo, acrescidas recentemente por sua articulação com a ascensão da extrema-direita em várias partes do mundo.

Abrindo a sequência de trabalhos que compõem a seção temática *Discursos, sensações e sentimentos* dessa edição da Revista Saridh, temos o texto da pesquisadora francesa Catherine Kerbrat-Orecchioni que discute o lugar das emoções na Linguística do século XX. Segundo a pesquisadora, esse espaço foi relativamente mínimo, haja vista que, segundo ela, o problema da expressão das emoções não consistia numa das preocupações centrais para a maioria dos linguistas do século passado. Sob os preceitos de uma abordagem que caracteriza como histórica e tipológica, Catherine Kerbrat-Orecchioni apresenta um inventário de fatos acerca das emoções no escopo da investigação linguística e tece considerações verticalizadas acerca da questão que motiva seu empreendimento epistemológico. Com isso, a autora discute nuances importantes e cortes históricos a partir dos quais o olhar para as emoções esteve alinhado a iniciativas de pesquisa em diversos campos da ciência.

Logo após, os autores Guilherme Carraro Pedronero, Manoel Sebastião Alves Filho e Carlos Piovezani, da Universidade Federal de São Carlos, discutem os sentidos e sentimentos no discurso do mercado animal. Com a chamada *Quem ama cuida. Vacine seu pet* que abre o título do texto, os autores sinalizam que pretendem analisar elementos de

APRESENTAÇÃO

discursos da sensibilidade humana à causa animal; discursos que são materializados em enunciados de um *banner* publicitário de uma clínica veterinária situada em uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Com esse intuito, os autores abordam como é possível perceber, no discurso do mercado animal, marcas de uma referência às relações afetivas entre seres humanos e animais, as quais incitam o consumo de produtos comercializados por esse setor da economia.

O texto seguinte é o das pesquisadoras Sara Cristina dos Santos Freires, Maria Eduarda Cabral de Oliveira de Freitas e Maria Eliza Freitas do Nascimento, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. As autoras discutem sobre os acontecimentos que incidem sobre a população formada por pessoas em vulnerabilidade social. Com isso, objetivam analisar discursos midiáticos que promovem deslocamentos de sentidos entre os termos *morador de rua* e *pessoa em situação de rua*, ressaltando efeitos do biopoder na gestão da vida da população. A discussão está embasada nos estudos discursivos foucaultianos, através do método arqueogenealógico, no qual categorias da arqueologia do saber coadunam-se com a genealogia do poder na esfera biopolítica e da governamentalidade.

Tratando da *Coragem da verdade de Ailton Krenak no discurso de posse na Academia Brasileira de Letras*, as autoras Rafaela Cláudia dos Santos e Regina Baracuhly falam sobre a questão da ordem do discurso, mais especificamente aquela da ABL, que é apresentada na discussão como lugar de onde se levantam e se movimentam discursos historicamente marcados por uma estrutura elitista e eurocêntrica. Segundo as autoras, a coragem da verdade de Ailton Krenak, na sua condição de primeiro indígena a ocupar uma cadeira na instituição, tensiona os sentidos acerca da inclusão indígena no campo acadêmico e literário e, com isso, oportuniza a materialidade de uma carga afetiva atrelada à memória coletiva e à reafirmação da luta dos povos indígenas por visibilidade e reconhecimento.

Na sequência, Paul Fernand da Cunha Leite e Luzmara Curcino, ambos da Universidade Federal de São Carlos, abordam os discursos sobre a leitura na perspectiva dos efeitos de sentido e das posições de sujeito de *leitores orgulhosos* e *leitores envergonhados*. Com o referido trabalho, os autores apresentam a análise de um tipo de enunciado sobre a leitura no qual se confessam práticas consideradas próprias de maus leitores ou de não

APRESENTAÇÃO

leitores, sem que isso implique vergonha ou riscos à face. Com isso, afirmam que tais declarações são proferidas por sujeitos que usufruem de suficiente capital cultural para lhes fornecer uma dada blindagem simbólica. A empreitada investigativa traz a reflexão sobre o funcionamento discursivo de certos consensos relativos à leitura, nos quais estão implicadas emoções sociais como a vergonha e o orgulho.

Fechando a seção temática dessa edição da Revista Saridh, está o texto *Discursos sobre sonhos pandêmicos: uma análise do sentimento de medo* de Flávio Soares e Carlos Piovezani, da UFSCar. Os autores seguem o objetivo de analisar discursos sobre sonhos produzidos no período pandêmico em suas relações com as emoções. No trabalho com fragmentos extraídos de textos veiculados pelos portais de notícias CNN Brasil, Gshow e UOL, buscam apreender como a emoção do medo, sentimento constitutivo e inerente à condição humana, foi o estado afetivo dominante manifesto em relatos de sonhos, nas condições de produção do acontecimento da pandemia de Covid-19 no mundo. Com uma articulação teórico-metodológica muito bem pontuada, Flávio Soares e Carlos Piovezani afirmam que os discursos sobre os sonhos foram frequentados por medos – o medo do vírus ou do isolamento social, o medo da contaminação, da doença ou de suas sequelas – e no escopo de um deslocamento incidente, oportunizaram relações e estabeleceram encadeamentos entre eles de forma a potencializar seus efeitos.

A seção livre dessa edição da Revista Saridh contempla três artigos, igualmente importantes e de leitura indispensável. O primeiro deles tem como título *Exclusão e pós-verdade na narrativa e si de Leila Cravo no podcast Leila*, de autoria de Danilo Yoshio Hatori e Denise Grabiél Witzel, da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Nessa discussão, o objetivo é analisar a narrativa de si da atriz e apresentadora Leila Cravo, sobre o acontecimento de sua quase morte em 1975, quando a mesma foi encontrada ferida e desacordada em uma rodovia, próximo a um famoso motel do Rio de Janeiro. Na perspectiva dos autores, tal acontecimento recebeu ampla repercussão por parte dos veículos midiáticos, o que mobilizou a opinião pública com relação à jovem, que teve sua carreira afetada pelo julgamento da sociedade. Como material de análise, são observadas sequências enunciativas de autorrelatos de Leila exibidos no podcast *Leila*, do gênero *true crime*, disponível na

APRESENTAÇÃO

plataforma *Globoplay*, que são trabalhados pelos autores à luz dos Estudos Discursivos Foucaultianos.

O texto seguinte é o artigo *Vigiar e postar: a monogamia como dispositivo digital de poder*, de Laura Colli Gon e Luciana Carmona da Silva, da Universidade de Franca. As autoras buscam fazer uma análise discursiva da monogamia cisgênero e heterossexual, utilizando postagens no Instagram como objeto de estudo. Para tanto, baseiam-se em investigações que contestam a naturalidade dessa prática, argumentando que a monogamia é uma construção social e discursiva. A discussão é instigante e provoca a reflexão sobre a maneira pela qual o discurso da monogamia nas redes sociais atua e reforça a construção e a perpetuação de um dispositivo de poder nas dinâmicas de gênero, tendo como cenário principal as redes sociais, em especial o Instagram.

Fechando a sequência de textos da *Seção Livre* da presente edição está o artigo de Carlos Eduardo do Vale Ortiz, mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia. O artigo analisa a crise climática e a importância do engajamento social, examinando a animação *The Turning Point* de Steve Cutts sob a ótica da Análise do Discurso, com ênfase nos conceitos de ethos e cenografia de Maingueneau. Os resultados encontrados pelo autor demonstram a normalização da degradação, a metáfora do capitalismo predatório na inversão de papéis entre humanos e animais, a dualidade entre engajamento e indiferença, e a influência do negacionismo científico. A discussão indica que a obra *The Turning Point* é um instrumento de crítica social, evidenciando a urgência de ações para mitigar os impactos ambientais.

Na esteira da diversidade de textos até aqui apresentados, a Revista Saridh vem contribuir diretamente para o fazer científico no escopo dos estudos da linguagem. Nesse ínterim, o periódico vem consolidar sua posição não apenas de instrumento de fomento à divulgação científica, mas, sobretudo, como espaço de saber-poder capaz de incitar um olhar investigativo e problematizador para as práticas, os discursos, as sensações e sentimentos que permeiam e atravessam a vida cotidiana dos sujeitos na sociedade.